



Mulher Gaúcha – 70 anos de Inclusão no Tradicionalismo Gaúcho Organizado, suas conquistas e participações



Márcia Cristina Borges defendendo a proposição durante o 67º Congresso Tradicionalista.

Em 2019 o tradicionalismo organizado, mais do que nunca, voltará seus olhos à valorização da mulher tradicionalista, exaltando seus feitos e importância para a formação, evolução e atual conjuntura do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Isso se dará especialmente em razão do tema anual que norteará as atividades da instituição no ano de 2019, o qual foi apresentado, amplamente debatido e aprovado durante o 67º Congresso Tradicionalista Gaúcho, realizado em São Borja.

Segundo Márcia Cristina Borges, autora do tema, que já traba-

lha com a temática há dez anos, para a elaboração da proposta “o fator mais importante foram as pesquisas de campo realizadas com mulheres Pioneiras que participaram do Primeiro grupo de Prendas do “35” CTG, em sua maioria já falecidas no atual ano”.

Além disso, Márcia frisa que a principal intenção é do tema é “mostrar a todas e todos os tradicionalistas o quanto é importante trabalharmos de mãos dadas, lado a lado, para que, desta forma, possamos preservar, respeitar e valorizar o verdadeiro tradicionalismo que nos foi legado pelos eternos jovens de 1948”.

TU SABIAS?

- A mulher indígena, após o nascimento de seu filho, destinava-se ao trabalho na lavoura, enquanto o homem indígena realizava repouso e dietas;
- A partir da chegada dos casais açorianos, as autoridades proibiam a fundação de convento e encaminhamento de mulheres para estas instituições. Este é um dos motivos pelo qual se pode concluir que as mulheres portuguesas que chegaram na época eram conduzidas para procriação e serviam de forma de aumento da população para contribuir na ocupação do território Rio-grandense;
- Era comum mulheres acompanharem os homens em seus deslocamentos e até nos combates. Andavam à cauda das colunas militares, a cavalo ou em carretas, incitando os soldados à luta, curando-lhes as feridas (...). Estas eram conhecidas como chinas ou vivandeiras;
- Nísia Floresta foi uma simpatizante da causa farrapa que, com a tradução e publicação da segunda edição do livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*, de Mistress Godwin, tornou-se a precursora do feminismo no Brasil;
- Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, nascida em Viamão, no ano de 1975, é considerada a primeira jornalista brasileira. Era culta, poetisa, repentista, escritora, professora e se colocava a serviço do Império, contra os rebeldes de Bento Gonçalves;
- Delfina Benigna da Cunha era uma poetisa nascida na Estância do Pontal, em São José do Norte, em 1791. Autora do primeiro livro de poesias escrito no Rio Grande do Sul;
- Em janeiro de 1840, no Combate das Forquilhas, Anita é presa e recebe a informação de que Garibaldi morreu. Ela então consegue permissão para procurar o corpo do amado. Consegue fugir e após oito dias encontra as tropas em retirada e reencontra Garibaldi;
- Em junho de 1949, aconteceu a primeira reunião do grupo de prendas do “35” CTG, onde foi eleita a Senhorita Lory Meirelles Kerpen como Posteira do Grupo de Prendas;
- Inicialmente o pioneiro, “35” CTG, não era favorável aos concursos de prendas, uma vez que a ideia de disputa não coincidia com as ideias de integração e companheirismo destes jovens;
- O vestido de prenda foi criado por Paixão Côrtes, sendo muito simples, de chita com estampados.
- Cyra Eilert dos Santos, juntamente com seu noivo, Cyro Dutra Ferreira, tinha a tarefa de divulgar a indumentária do “35” CTG nas Festas Juninas que aconteciam nas sociedades e clubes de Porto Alegre. (...) Através desta divulgação da indumentária deu-se início à utilização do Vestido de Prenda atual;
- O primeiro grupo de danças do “35” CTG teve início em 1949, era formado por quatro pares. Paixão Côrtes desenhou os vestidos das Prendas, que eram estampados e cada um de uma cor diferente do outro.

Referência: SILVA, Márcia Cristina Borges da; CIRNE, Paulo Roberto e Fraga. *A evolução histórica da mulher gaúcha: na sociedade gaúcha, na revolução farroupilha e a inserção no tradicionalismo (origem do vestido de prenda)*


ESSÊNCIA

Consciência tradicionalista

Fazer parte do Movimento Tradicionalista Gaúcho e ser tradicionalista é encantador. Todavia, este "ser" traz consigo inúmeras responsabilidades. O Movimento se renova dia a dia, passa por momentos de esplendor e de turbulência, alguns adeptos chegam e outros se vão, mas, independente de tudo isso, a verdadeira filosofia da instituição deve ser preservada.

E esta, diferente do que muitos podem pensar, não diz respeito apenas às páginas de livros, cartas, teses e anais de Congressos, ou mesmo é responsabilidade apenas dos "grandes líderes" da instituição. A preservação da filosofia tradicionalista vai além, pois também depende de cada um que se dispõe a ser, verdadeiramente, tradicionalista

É responsabilidade dos presidentes, dos patrões, das patroas, dos coordenadores, das coordenadoras, das prendas, dos peões, dos dançarinos, das dançarinas e de tantas outras pessoas que desenvolvem as atividades que dão vida ao que chamamos de tradicionalismo. Da filosofia tradicionalista também faz parte a consciência de que cada tradicionalista deve ter. Por isso, o Caderno Piá 21 deste mês traz uma bela reflexão feita por Jarbas Lima, a respeito da consciência tradicionalista, que assim dispõe:

"A palavra consciência tem vários significados. É a faculdade de olhar o mundo a uma distância tal que nos possibilite níveis elevados de integração. É a capacidade de estabelecer julgamentos morais dos atos que praticamos. É o conhecimento. É o cuidado com que se executa um trabalho, se cumpre uma missão. É o senso de

*Tradicionalista
sem consciência é
tradicionalista passivo.
Tradicionalista consciente
é aquele capaz de difundir
e fazer frutificar o
movimento tradicionalista*

responsabilidade, de honradez, de probidade.

A consciência tradicionalista é a aplicação de todos esses conceitos ao tradicionalismo.

Quem é capaz de observar de um ângulo, convenientemente amplo, a história, a sociedade, os costumes, a vida e a luta do homem do Rio Grande, tem condições de estabelecer com os valores de nossa tradição um nível elevado de integração. Nisto vai a inteligência, a vontade e a emoção de todos quantos sabem cultivar a tradição. De um modo muito especial, a consciência se traduz nas ações do tradicionalista. Não pode ser o verdadeiro tradicionalismo (ou a consciência tradicionalista) que não se traduza em obras.

Consciência tradicionalista e ética são realidades que andam juntas. Ninguém que se diga tradicionalista ou que tenha consciência tradicionalista pode se considerar dispensado dos compromissos básicos com os ideais do tradicionalismo. Este plano da reflexão se refere ao discernimento, à capacidade

de julgar, moralmente, os atos que praticamos! Não um julgamento meramente abstrato, feito para nosso deleite ou ornamentação interior. Mas uma visão crítica que nos impele ao mundo concreto de tudo o que fazemos, tudo o que tem a ver com nosso relacionamento, com o bem que podemos fazer e o mal que podemos evitar.

Aí chegamos através do conhecimento! Só agimos em razão do que conhecemos! Não podemos amar nem odiar aquilo que ignoramos. Os nossos atos serão, sempre, resultado daquilo que temos anteriormente como certo, como verdadeiro, como digno de ser praticado. Agimos como pensamos. Não tem consciência tradicionalista aquele que professa o ideal tradicionalista e se comporta diversamente do que diz acreditar. E que age ao contrário do que pensa e acaba pensando da maneira como age.

Existe ainda o vocábulo conscientização, que significa tomar consciência.

Finalmente, consciência é uma palavra que vem do latim:

conscientia + cum, que denota ciência e simultaneidade. Neste sentido, a consciência tradicionalista é uma forma de tornar atual, presente e viva, na vida de cada um, a tradição. É ter, também, noção do atual estágio do movimento tradicionalista, de seu significado, de suas responsabilidades, de seus compromissos.

A consciência tradicionalista está, intimamente, relacionada com a liberdade. E esta é, acima de tudo, o direito que todo tradicionalista tem de cumprir os seus deveres, nos termos da Carta Tradicionalista.

Tradicionalista sem consciência é tradicionalista passivo. Tradicionalista consciente é aquele capaz de difundir e fazer frutificar o movimento tradicionalista. Como Tradição e Pátria são realidades inseparáveis, o tradicionalismo e o patriotismo andam juntos. O tradicionalista consciente e, também, o cidadão esclarecido, dedicado e capaz.

Diz a história do Negrinho do Pastoreio que quem perder alguma coisa no campo não deve perder a esperança. Deve chegar num moirão de cerca, ou sob os ramos de uma árvore e ali acender uma vela para o Negrinho do Pastoreio e a coisa será achada! É este, com certeza, o sentido da Consciência Tradicionalista. Temos algumas velas a acender e, com auxílio da Tradição, encontrar algo muito precioso que pode estar perdido: a própria consciência tradicionalista!"

Fonte: LIMA, Jarbas. Tradicionalismo... Responsabilidade Social - Reflexões. Porto Alegre: Movimento Tradicionalista Gaúcho, 2004.



HISTÓRIA

Revolução federalista

Após a Proclamação da República do Brasil (15 de novembro de 1889), nos três seguintes anos o Rio Grande do Sul teve 18 presidentes, pois antes do início da Revolução Federalista houve uma grande onda de instabilidade no governo do estado. Em 1891 foi promulgada a nova Constituição do Estado e a Assembleia Constituinte encerrou os trabalhos elegendo Júlio de Castilhos como Presidente.

As causas da Revolução Federalista, que aconteceu de 1893 a 1895, não se trataram de lutas de classes, nem de ideologias (República X Monarquia). Foram relacionadas ao poder, ou seja, em sua totalidade, causas políticas.

Dois partidos fizeram parte da Revolução de 1893 - como também é conhecida a Revolução Federalista - que são os seguintes:

Partido Republicano Rio-Grandense: Conhecido pela sigla PRR. Defendia o Positivismo e seu principal líder foi Júlio Prates de Castilhos. Eram os chamados pica-paus e usavam os lenços brancos. Este partido contava com o apoio do Exército Brasileiro, Guarda Nacional e Brigada Militar do Estado.

Partido Federalista: Este defendia o parlamentarismo e a centralização do poder. O partido foi fundado por João Nunes da Silva Tavares. Tinha como líder o Chefe Militar Gaspar Silveira Martins. Eram os chamados maragatos e usavam lenços vermelhos.



Gaspar Silveira Martins, líder federalista

Curiosidade: Um dos maiores heróis maragatos, General Gumerindo Saraiva, nunca usou o lenço vermelho, pois ele era "Blanco" (nacionalista), no Uruguai, como seu pai e seus irmãos, e, quando veio ao Rio Grande do Sul, não deixou os símbolos uruguaios no esquecimento.

As grandes armas dessa sangrenta revolução foram a lança e a espada, mas o canhão e a metralhadora apareceram com destaque nas batalhas, assim como os navios de guerra.

Fases

A Revolução de 1893 pode ser dividida em quatro fases distintas, mas que são interligadas:

Primeira fase: Inicia a invasão comandada por Joca Tavares. O primeiro combate da Revolução foi o "Combate de Salsinho". Após combates em vários pontos do Estado acontece a Batalha do Inhanduí, em Alegrete, em maio de 1893. Esta é a mais importante batalha da Revolução,



Júlio de Castilhos, líder republicano

com os maragatos se retirando sem perseguição após seis horas de combates violentos.

Segunda fase: Acontecem combates em outros pontos do Estado, inclusive na região colonial. Em novembro de 1893, as batalhas se expandem até Santa Catarina (inicialmente em Lages e Tubarão). Após, acontecem batalhas também no Paraná, sendo esses os três estados em que ocorreram ataques e combates da Revolução Federalista: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Ainda em 1893 acontece a Batalha do Rio Negro, iniciando a degola na Revolução. Federalistas ganharam a batalha e fizeram de prisioneiros 300 pica-paus, que foram degolados.

Terceira fase: As batalhas continuavam no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Em 1894 acontece uma batalha na localidade de Boi Preto e os pica-paus se vingaram do mas-

sacre de Rio Negro e também utilizaram a degola, e então mandaram degolar 300 prisioneiros maragatos. Em 1894 aconteceu a batalha mais sangrenta da Revolução de 93, a "Batalha do Pulador".

Quarta fase: Seguiram os combates no Rio Grande do Sul, regando de sangue o solo gaúcho. Iniciaram as negociações de paz, que foi assinada em Pelotas, no dia 23 de agosto de 1895 pelo interventor, General Galvão de Queiroz e por João Nunes Silva Tavares.

A Revolução Federalista durou 31 meses e é considerada a mais sangrenta que já ocorreu no Brasil. Mais de 10 mil pessoas morreram durante o período de 1893 a 1895, em consequência da Revolução Federalista.

A Revolução que teve como um dos motivos iniciais, uma forma de libertar o Rio Grande do Sul da tirania de Júlio de Castilhos, gerou mais ódio entre partidos e famílias. Ainda, fortaleceu o Partido Republicano Rio-Grandense e Júlio de Castilhos ficou no poder até 1898.

Texto: Tamara Trentini Rigo

Referências: LEAL, José Machado. *Rio Grande do Sul, síntese da cultura popular: história e tradições*.

FAGUNDES, Antonio Augusto. *História do Rio Grande do Sul (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho)*.

MONTEIRO, Paulo. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*.



EXERCÍCIOS

Exercícios sobre a Revolução Federalista

1. A Revolução Federalista teve a participação de dois partidos, que eram: Partido Republicano Rio-Grandense, que defendia o, e o Partido Federalista, que defendia o

2. De novembro de 1891 a junho de 1892 formou-se uma junta governativa que deu início ao período denominado

3. A batalha mais violenta dessa Revolução aconteceu em 1894, em um distrito da cidade de Passo Fundo/RS, alguns dias após a morte de Gumerindo Saraiva. Essa batalha ficou conhecida como:

4. A paz da revolução foi assinada em Pelotas, em 23 de agosto de 1895. assinou representando os Federalistas e representando os Republicanos.

5. Por ter sido muito violenta, a Revolução Federalista também ficou conhecida e marcada com a nomenclatura Revolta da

6. Esta revolução gerou muita revolta entre as famílias e oligarquias políticas e fortaleceu a centralização do poder nas mãos do, liderado por

7. O combate mais importante da Revolução Federalista aconteceu em maio de 1893, no território da cidade de Alegrete e ficou conhecido como

8. Em julho de 1895 iniciaram as negociações de paz. Os Federalistas queriam que ocorresse a anulação da, mas a proposta não foi aceita por Júlio de Castilhos.

9. Além do Rio Grande do Sul, outros estados também participaram dessa revolução. São eles: e

10. Os federalistas eram também chamados de Maragatos, pois

Gabarito: 1. Positivismo - parlamentarismo e centralização do poder / 2. Batalha do Pulador / 3. Batalha de Quatroz / 4. Galvão de Quatroz / 5. Silva Tavares - Galvão de Quatroz / 6. Partido Republicano / 7. Combate de Inhanduí de Castilhos / 8. Constituição estadual de 1891 / 9. Santa Catarina e Paraná / 10. Soldados que lutaram pelo partido federalista - a vitória de uma região do Uruguai, de um espaço povoado por espanhóis oriundos da Maragataria

Elaboração: Tamara Trentini Rigo
Referências: LEAL, José Machado. Rio Grande do Sul, síntese da cultura popular: história e tradições.
FAGUNDES, Antonio Augusto. História do Rio Grande do Sul (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho).
MONTEIRO, Paulo. Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo

Um pouco de prosa, verso e arte

Nesta edição, conversamos com a única trovadora do Rio Grande do Sul que ainda participa de festivais na modalidade trova. **Maria Edi Malaquias de Lima** nasceu no dia 28 de fevereiro de 1955, em Soledade/RS. É casada com Dilney Goulart de Lima e é mãe de três filhos.

Atualmente reside em Passo Fundo, município da 7ª Região Tradicionalista, e representa o CTG Osório Porto. A artista sempre gostou de cantar. Em sua infância, ela e seus irmãos faziam parte de um grupo que animava bailes, denominado "Os Malaquias". Começou a trovar na escola onde trabalhava, mas iniciou sua participação no tradicionalismo quando começou a levar seus filhos ao CTG.

Já participou de rodeios na modalidade declamação e com o passar do tempo estreou na modalidade trova estilo Campeiro, Gildo de Freitas e Martelo. Não se sente intimidada por participar de uma modalidade cuja predominância é masculina, mas tem grande desejo de que mais mulheres se interessem pela trova. Foi vice-campeã da Trova Campeira do Enart em 2012. Como mensagem, a artista regalou o jornal Eco da Tradição com uma bela trova:



Maria Edi sendo homenageada no cinquentenário do C.T.G. Osório Porto.

"Para cantar pra vocês, peço ao Patrão das alturas

Um pouco de mel na boca para transmitir doçura

Um coração aquecido com muito amor e ternura

Votos de grande conquista, sucesso a perder de vista

Levando a arte e cultura

Levando a arte e cultura imensa satisfação

Com grande amor pela vida de explodir o coração

Quanto mais brinco com a rima mais cresce a minha emoção

Vou aproveitar os momentos e cantar aos quatro ventos:

É o Eco da Tradição"